

Colóquio Internacional: **Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo**

6 a 10 de dezembro de 2011
Laboratório de Geografia Política
Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo
São Paulo – Brasil

Apontamentos Sobre Elisée Reclus, Vegetarianismo e Geografia: Dimensões Éticas e Ecológicas em seus escritos Geográficos e Anarquistas

Bárbara Lustoza da Silva Borba¹

Cintia Ferreira da Silva²

Lisie Tatiane de Lima Wenceslau³

Mariana Lustoza da Silva Borba⁴

RESUMO

Em tempos atuais é crescente o debate a respeito do uso de animais, sobretudo para alimentação e testes/vivissecção, no âmbito de serem discutidos seus aspectos éticos, econômicos e ecológicos. No entanto, o questionamento humano sobre tais assuntos não é evento estritamente recente, pois podemos encontrar desde a cultura védica até a tradição documentada ocidental, na Grécia Antiga, recomendações a não alimentação utilizando animais como fonte provedora. Elisée Reclus também realizou uma proposição acerca desta questão. Em seu escrito *Sobre o Vegetarianismo* (1901), discorre sobre o comportamento da sociedade contemporânea em relação aos animais e, em consonância com seu pensamento como educador, geógrafo e libertário, propõe uma mudança ativa e evolutiva – no quesito de movimento e transformação contínuas - nesta relação, via mudanças educacionais, filosóficas e culturais.

¹ Estudante de Graduação em História na Universidade de São Paulo. E-mail: barbara.ls.borba@gmail.com.

² Graduada em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu e estudante de Graduação Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. E-mail: cintia_fds@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação em Geografia na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – Campus Rio Claro. E-mail: lisiewenceslau@yahoo.com.br.

⁴ Estudante de Graduação em Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. E-mail: m.l.s.borba@gmail.com.

Por entender que a relação entre a humanidade e a natureza se pauta em uma “harmonização libertadora progressiva”, fruto de uma ação combinada entre esses agentes no espaço, não faz distinção quando alude as guerras por poder e suas consequências genocidas aos matadouros e suas técnicas de estripação dos animais. Isto em vista, nossos objetivos giram em torno de relacionar a concepção de sociedade, natureza e urbanização em Elisée Reclus à sua dimensão ética e ecológica, tanto no que tange as relações de poder que permeiam animais humanos e não humanos e seus impactos no espaço enquanto categoria analítica.

Palavras Chave: Elisée Reclus, anarquismo, vegetarianismo, geografia, ética.

INTRODUÇÃO

“Nós queremos igualdade, não como um fim em si mesma, mas porque a liberdade não pode existir sem ela.”
Mary Midgley

O presente artigo busca investigar, com centralidade na obra *Sobre o Vegetarianismo* de Elisée Reclus (1901), seu posicionamento referente a relação entre a humanidade e os animais, tendo em vista a consonância com seu pensamento enquanto educador, geógrafo e libertário. Em tempos atuais é frequente o debate a respeito do uso de animais, sobretudo para alimentação e testes/vivissecação, no âmbito de serem discutidos seus aspectos éticos, econômicos e ecológicos. A obra citada de Elisée Reclus em questão antecipou tais questionamentos a partir da filiação a uma concepção evolutiva não utilitarista, permeada por sua admissão de que o desenvolvimento humano se faz ligado (ao que considerara) natureza, na qual os elementos que compõem a Terra evoluem e se mantem em movimento contínuo a partir de uma lógica harmônica ⁵.

OBJETIVOS

Frente aos conceitos que nos deparamos, intentamos relacionar a concepção de sociedade, natureza e urbanização em Elisée Reclus à sua dimensão ética e ecológica, tanto

⁵ CLARK, John P. E MARTIN, Camille. **Anarchy, geography, modernity: the radical social thought of Elisée Reclus**. Oxford: Lexington, 2004.

no que tange as relações de poder que permeiam animais humanos e não humanos e seus impactos no espaço enquanto categoria analítica. Isto posto, buscamos da mesma forma identificar os aspectos de seu posicionamento anarquista que estão intrínsecos tanto quando fragmenta a paisagem e a analisa, quando reflete sobre as questões de organização política e econômica da sociedade ou aponta caminhos sobre como a educação deve ser conduzida a fim de que os seres humanos compreendam sua existência e atuem de forma contributiva na Terra.

ANARQUISTA & GEÓGRAFO, GEÓGRAFO & ANARQUISTA...

É evidente que, ao depararmos-nos com os escritos de Elisée Reclus e com sua história de vida, nota-se que ele não distinguia o que produzia enquanto teórico daquilo que praticava enquanto pessoa⁶. O mesmo ocorre em suas obras que, sendo de cunho panfletário político, de cunho teórico geográfico ou até mesmo declaradamente despretensiosas com qualquer âmbito, carregam em si pontos-chave que perfazem um elo entre todos.

A harmonia é termo e conceito constantemente recorrente, como podemos observar em um fragmento do *Prefácio de O homem e a Terra – Tomo I* (1905-1908), no qual analisa o estabelecimento das sociedades no espaço:

“A emoção que se sente ao contemplar todas as paisagens do planeta em sua variedade sem fim e na harmonia que lhes dá a ação das forças étnicas sempre em movimento, essa mesma doçura das coisas, se sente ao ver a procissão dos homens sob sua vestimenta de sorte ou de infortúnio, mas todos igualmente em estado de vibração harmônica com a Terra que os carrega e alimenta, o céu que os ilumina e os associa à energia do cosmos”.

Nesta passagem introdutória à grande obra de Reclus, podemos observar a poesia utilizada para descrever um fenômeno essencialmente geográfico, da relação entre a sociedade e o meio ecológico, na qual o autor confere a ocupação territorial primitiva da Terra à harmonia com o meio. Esta ligação, inclusive, também é presente em uma análise eminentemente urbana ligada à formação geológica da cidade, que o autor faz no *Capítulo XI - Educação*, do tomo VI da mesma obra, quando conclui que a humanidade

⁶ Filiado à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), tomou parte na Comuna de Paris em 1871, como revolucionário nas trincheiras e educador, sendo posteriormente preso e condenado ao exílio por dez anos na Suíça. Sobre o massacre que derrotara a Comuna, Reclus apontou que não bastara erguer-se em combate sem a “evolução” do pensamento das massas para acompanhar rupturas necessárias à revolução.

[...] por respeito à natureza, por amor a ela, não deverá em absoluto deixar nela colocar sua morada de maneira a violar suas linhas, romper brutalmente sua cor e suas nuances: deverá ter vergonha por diminuir e alegria por aumentar a beleza de seu meio ambiente. Nisso, por sinal, não faz senão imitar o animal, seu predecessor. [...] “Até mesmo grandes edifícios podem ajudar a beleza do espaço circundante, quando os arquitetos compreenderam o caráter do sítio e que a obra do homem concilia-se com o trabalho geológico dos séculos em um conjunto harmonioso.”

Também dentre o conceito de harmonia, em *A Anarquia* (1894), Reclus ratifica sua denominação de anarquista ao afirmar que

“Não é sem razão que o nome “anarquista” que, no fundo, só tem uma significação negativa, permanece aquele pelo qual somos universalmente designados. Poder-se-ia nos chamar de “libertários”, assim como muitos de nós qualificam-se de bom grado, ou então “harmonistas”, por causa do livre acordo dos querereres que, de acordo conosco, constituirá a sociedade futura [...]”

A ideia de harmonia permeia da mesma forma sua concepção sobre paisagem urbana ligada à violência que os animais mortos para alimentação exprimem, ao observarmos o texto *Sobre o Vegetarianismo* (1901), quando sustenta que

“Nós queremos um dia viver em uma cidade onde não necessitemos mais ver açougues cheios de corpos mortos pendurados como cortinas, mas passar por janelas cheias de frutas, ou livros, estatuetas e trabalhos de arte. Nós queremos um ambiente prazeroso aos olhos e em harmonia com a beleza”.

Entretanto, não é somente sob a harmonia reguladora do espaço que Reclus fundamentara sua análise de mundo e suas ações. Mediante o contexto socialmente efervescente que teve crescimento a partir da segunda metade do século XIX, sobretudo na Europa, percebeu que forças antagônicas foram multiplicadas e geradas devido à desigualdade de acesso tanto aos víveres fundamentais às pessoas como aos recursos culturais gerados de então. Nesse sentido admitira que a evolução e a revolução – para ele inseparáveis - não necessariamente representam aspectos positivos e edificadores de uma sociedade mais justa, ou de um ambiente mais saudável às formas de vida.⁷ Aponta que a formação das cidades grandes - favorecidas pela disposição geológica não uniforme dos sítios, onde as sociedades se estabelecem através da atração mútua e das condições mais favoráveis do relevo e do clima – originaram uma camada de miseráveis e famintos impossibilitados de possuírem seus próprios meios de subsistência, bem como subúrbios

⁷ CLARK, 2004.

populosos sem saneamento dos detritos. Denuncia também a grande poluição atmosférica causada pelas fábricas e admite que “Toda questão municipal se confunde com a própria questão social” (RECLUS, 1905-1908). Porém, o geógrafo sugere soluções práticas e visionárias com base na observação do comportamento das pessoas ao, por exemplo, recomendar a utilização de bicicletas como meio de transporte em oposição aos trens, para favorecer tanto a saúde das operárias e operários como a diminuição do lançamento de gás carbônico na atmosfera.

Os indícios até aqui apresentados exponenciam brevemente características do pensamento geográfico e político de Elisée Reclus. No entanto, as dimensões éticas e ecológicas são sempre latentes quando nos deparamos com as obras do autor. É tarefa fácil perceber o encadeamento (eco)lógico que identifica e demonstra entre todos os elementos que interagem na Terra desde sua formação primitiva até as metrópoles em ascensão, bem como perceber a solidariedade e busca por igualdade que, enquanto anarquista, propõe tanto ao descrever fenômenos biológicos como sociais. É nesta perspectiva que Reclus sustenta sua opção pelo vegetarianismo e que interpretaremos a seguir.

UMA VISÃO GERAL DE “SOBRE O VEGETARIANISMO” DE ELISEE RECLUS

Elisée Reclus, ao falar sobre a matança dos animais remetia muito à sua infância no campo, onde a relação com os animais costumava ser diferente: as crianças em geral, tinham o hábito de ter mais afeição aos animais e assim, ao vê-los sendo mortos pelos açougueiros ou quem quer que seja, estas crianças desenvolviam um sentimento de repulsa ao serem muitas vezes obrigadas pelos pais a consumir a carne destes animais.

Na contemporaneidade das grandes cidades isto não acontece, pois existe uma alienação entre o produto que está nas prateleiras dos supermercados e o que este produto realmente contém. Esta alienação chegou a um ponto tão crítico que muitas pessoas nem sequer param pra pensar sobre o que estão consumindo. No caso do autor, essa visão estava em um contexto diferente, pois haviam apenas os açougues na época, que já buscavam uma forma de mascarar o ambiente de morte, colocando guirlandas de flores para se tornarem mais agradáveis aos olhos de seus clientes.

Porém, mesmo com toda essa preocupação em mascarar, alienar e manipular o fato

de que eram seres mortos que estavam sendo expostos, existiam pessoas que estavam totalmente a par deste processo e acabam por sentir naturalidade em consumir a carne de certos animais em seu cotidiano. Reclus apontou que este tipo de comportamento, geralmente, apresenta-se em pessoas que estavam acostumadas com a destruição, e que não se sentiam pertencentes à natureza. Apontou o caso dos engenheiros, que faziam de tudo para modificar a natureza e tornar o seu trabalho evidente, assim como colocavam a carne em seu prato como parte deste processo de transformação.

Tem-se então um paralelo entre a matança animal e as guerras na China, onde milhares de pessoas foram cruelmente assassinadas por soldados que não demonstraram o menor afeto por esta gente, e que depois disso eram vistos nas ruas com suas esposas, filhos e amigos sem que nenhum traço da crueldade por eles praticada estivesse presente, ou seja, o açougueiro que passava o dia matando animais indiscriminadamente, poderia ser comparado com estes soldados, na medida que ao sair do açougue ou do campo de batalha, estas pessoas se tornavam livres de quaisquer julgamentos sobre aqueles aos quais tiraram as vidas.

Face a isso, nos questionamos: a carne de um boi e a carne de uma pessoa humana são tão diferentes assim, afinal? Para Reclus não havia diferença entre um açougueiro e um soldado, ambos se encontravam em posições que consideram superiores a de suas vítimas, e se achavam perfeitamente aptos a decidir se haveria ou não continuidade na vida destes seres.

A alimentação destas pessoas, geralmente, era o reflexo de seu comportamento no cotidiano, pois existia o hábito de achar que comer carne é saudável, bem como o hábito de exterminar pessoas se tornou também conveniente para a “saúde” de seu país.

Ainda dentro deste contexto de guerras, concebemos que existe uma segregação entre as pessoas de acordo com o seu tom de pele. Isto pode ser comparado na relação com os animais, na medida em que é perfeitamente concebível dentro desta lógica a morte de um boi, uma vaca, um porco ou uma galinha para o consumo, porém isto não se estender a cachorros, gatos, cavalos e outros animais, considerados “de estimação”, ou seja, a ação das pessoas é determinada pelo tom de pele, ou pela espécie do animal: se a pessoa, dentro de uma lógica discriminatória, possuir o tom de pele “errado”, ou o animal pertencia à espécie “errada”, ambos estavam sentenciados à morte.

Também é presente no texto referido uma comparação entre os posicionamentos que já foram utilizados em oposição ao antropofagismo, com os argumentos que pessoas vegetarianas utilizam para que cessem o consumo de carne, ou seja, aqui se fez um apelo para a vida dos animais, assim como já foi feito para a vida das vítimas do antropofagismo. Já existem alternativas suficientes para que este consumo cesse, assim como já existiram substitutos à carne humana.

Reclus também se colocara sobre harmonia que necessitaríamos que ter com a natureza, bem como concebermos os animais como amigos e não como alimento. O autor reconhecia que a ação individual de não comer carne não representava muita coisa diante da tamanha matança de animais existente, mas que esta ação, somada à de nossos vizinhos, era suficiente para que a nossa contribuição com o fim desta matança prosseguisse.

Esta harmonia com a natureza se estendia ao bom senso ético, no qual não há lógica em abster-se de se alimentar para respeitar as outras formas de vida. O autor determina ser necessário que tomássemos cuidado para que a lógica do vegetarianismo não se tornasse algo dogmático e sectário, era preciso que houvesse apenas a plena realização de nossas vidas, em conjunto com as demais formas de vida: a alimentação vegetariana excluiu somente os animais de seu cardápio, mas todos os demais frutos, raízes, e frutas presentes na terra, deveriam ser consumidos de forma harmônica, para que não houvesse a degradação total do planeta.

Reclus também alerta ao sentimento de respeito para com os animais, frente ao trabalho que costumam fazer, por exemplo, ajudando as pessoas na lavoura. Esta relação deveria se estender às cidades, na qual tem continuidade o relacionamento com os animais, porém em outra configuração.

Mais uma vez, o autor afirmou no texto que esta relação deva se prolongar à natureza onde cessarão as construções edificadas apenas para alimentar a vaidade de algumas pessoas que se julgam superiores às forças naturais, sendo decorrente disso um ambiente mais aprazível o possível.

Por fim, Elisée Reclus exemplifica alguns dos alimentos que poderiam ser consumidos no lugar da carne e que, em seu preparo, demandavam menos tempo na cozinha, sendo eles os grãos, as frutas, e os ovos. Para o autor, estes alimentos representavam o fim de um organismo que não existe mais e o começo de um organismo que ainda não existe, provando

ser possível obter alimento sem morte e que as plantas, assim como os ovos, possuíam os reservatórios dos elementos considerados vitais ao seres humanos.

INTERPRETAÇÕES COMPARATIVAS ACERCA DO VEGETARIANISMO E SUA RELAÇÃO COM O ANARQUISMO EM ELISÉE RECLUS

O escrito *Sobre o Vegetarianismo*⁸ de Elisée Reclus nos indica aspectos essenciais intrínsecos e relacionados à suas teorias e práticas, conforme já apresentado durante este artigo. O fato do autor postular-se enquanto vegetariano em seu contexto histórico, em uma Europa de meados do século XIX e início do XX embebida pela revolução evolucionista de Charles Darwin⁹ demonstra muito do anarquista que residia em seu ser, o qual segundo o próprio manifestava-se antes do geógrafo¹⁰. Considerando tais aspectos, propomos um delineamento acerca do vegetarianismo com relação ao anarquismo em Elisée Reclus e suas repercussões recíprocas nas práticas sociais e ambientais, bem como seus fundamentos teóricos políticos e educacionais.

As questões morais acerca do uso e sofrimento dos animais não-humanos para fins exploratórios são expostas por Reclus em seu escrito como um paralelo com a relação entre os animais humanos. Na formação deste paralelo, remetendo-nos à prática libertária de quebra da hierarquia propondo uma equivalência ética sobre o direito à vida, na qual o autor nos convida às reflexões sobre a elasticidade das práticas cruéis com os animais não-humanos e os animais de nossa própria espécie, aumentando o campo da abrangência entre exploração animal (humano) – animal (não-humano) e exploração animal (humano) – natureza. Destarte, Reclus nos demonstra que a relação dominante e exploratória que estabelecemos com os animais de outras espécies, como sua caça e seu uso para fins alimentares, reflete-se na relação predatória que possuímos com o meio-ambiente, como sua degradação para construções e obras tecnológicas, além da violência que dispensamos aos animais de nossa própria espécie, como no exemplo dos conflitos e massacres de chineses por europeus¹¹ exposto pelo autor, o qual nos diz que "Os dois tipos de caça (para

⁸ SINGER, 2004.

⁹ SINGER, op. cit.

¹⁰ "Sou geógrafo, mas antes de tudo sou anarquista!" RECLUS, Elisée. **Anarquia pela educação**. p. 13.

¹¹ CLARK, 2004.

alimentação e para guerra) pertencem a um mesmo esporte".¹²

A diretriz exposta por Reclus nos conduz à sua concepção de vida em harmonia com o meio-ambiente em sua totalidade, tanto a natureza vegetal quanto aos animais das diversas espécies. Sob tais aspectos o autor está praticamente um século adiantado à afirmação de Peter Singer em *Libertação Animal* o qual nos diz que "os animais sofrem devido à tirania dos seres humanos"¹³, acrescentando à tal despotismo os abusos e degradações dispensados à terra, água, ar e demais elementos da biosfera .

A veia libertária de Reclus e seus preceitos anarquistas pulsam sob diversos âmbitos. Com reminiscências anticlericais, o vegetarianismo nega a concepção judaico-cristã do mito bíblico da dominação pelas espécies, com a criação de todos os seres e domínios da Terra para o homem, excluindo assim a mulher, os animais não-humanos e a natureza do protagonismo e harmonia da vida em sociedade. Este embasamento mítico, fundamentado sobretudo pela filosofia grega de Aristóteles com sua hierarquização e escravatura com dominação do elemento humano masculino sobre as demais camadas do meio ambiente, fundamentaram a tradição ocidental utilitária dos animais não-humanos, sendo precursor de René Decartes¹⁴, formador da concepção moderna de animais não-humanos enquanto objetos autômatos, seres sem sentimentos nem sensações, desprovidos de linguagem inteligível e, portanto, passíveis de abusos e crueldades.

Entretanto, tanto no âmbito religioso, como no caso das culturas hindu-védicas e budistas orientais¹⁵, quanto no campo filosófico¹⁶, as considerações acerca dos animais encontram alternativas éticas e morais com relação ao respeito à vida e exploração de seus recursos. No caso dos dogmas hindus-védicos e budistas os animais não-humanos aproximam-se dos humanos em escala ritual e mítica como uma extensão do "espírito", sendo que no ciclo de nascimentos e mortes os quais o espírito das pessoas são submetidos não é previsível saber se a pessoa se materializará na vida seguinte como animal humano ou de outra espécie, remetendo assim o respeito a todos os animais por não se saber se eventualmente o bife de carne de vaca no prato à mesa é de algum antepassado da família¹⁷.

¹² Id., 2004.

¹³ SINGER, 2004.

¹⁴ SINGER, op. cit.

¹⁵ MIDGLEY, Mary. **Animals And Why they Matter**. Georgia: University of Georgia Press, 1983.

¹⁶ SINGER, 2004.

¹⁷ DONIGER, Wendy. **Compaixão pelos animais e vegetarianismo**. In: COETZEE, J. M. *A vida dos Animais*. Tradução de José Rubens Siqueira; introdução e organização de Amy Gutmann. São Paulo: Companhia das

Já a filosofia ocidental antiga, com Plutarco e Pitágoras, entre outros, indicava o vegetarianismo como forma de compaixão aos animais não-humanos, de modo a alcançar uma harmonia na relação com o meio-ambiente¹⁸. Dentre a ciência positiva, Charles Darwin¹⁹, o reconhecido evolucionista, postulou que os animais possuem sentimentos, inclusive a capacidade de expressar emoções diversas, embora nós enquanto humanidade tendamos a não reconhecê-las como linguagem e comunicação.

Portanto podemos inferir que em Reclus questões morais e éticas acerca dos animais não-humanos e da natureza estavam em consonância com seu ideário político e estratégico, o anarquismo, o qual foi multiplicado em suas frentes de ação e teoria, no campo da geografia com a totalidade do ser humano enquanto agente modificador de seu meio e no campo da educação²⁰ enquanto prática de aprendizado mútuo e universal, considerando além dos conhecimentos docentes, por tradição e contexto de sua época unilaterais e hierarquizantes, as vivências discentes ocorridas em meio externo à sala de aula, com aproveitamento dos saberes de todas as partes envolvidas no processo de aprendizagem sejam elas humanas ou não humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada nos trouxe a reflexão mais profunda acerca da questão do consumo de carne e exploração animal, não somente nos dias atuais, mas também no período vivido por Reclus. Mostrou-nos muito mais que um geógrafo, mostrou-nos um libertário, como se denomina em suas próprias palavras. Reconhece a necessidade da atuação da humanidade em conjunto com os demais elementos da Terra para que partilhem de uma harmonia, sem que haja escravidão, abusos ou superioridade humana.

Desse modo, a humanidade não apenas se emanciparia, adotaria ainda uma postura diferenciada no espaço habitado de modo a não ferir aos demais seres. É com essa concepção que crítica e condena o *especismo* humano. O mesmo responsável por grandes massacres de animais, humanos ou não.

Letras, 2002.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. Tradução de Leon de Souza Lobo Garcia; introdução de Konrad Lorenz. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

²⁰ RECLUS, op. cit.

Esta mentalidade presente na humanidade é um dos questionamentos levantados no presente trabalho, em outras palavras, de que modo podemos agir enquanto sujeitos modificadores do espaço, de que forma poderíamos propor à sociedade uma reflexão analítica não só do consumo de carne e uso dos animais, mas da sociedade de um modo geral, pautados nos apontamentos libertários de Elisée Reclus.

No que toca a sua produção como geógrafo, seus escritos nos revelam a preocupação com o modo como o espaço é ocupado, advertindo acerca da forma pela qual o espaço deve ser ocupado, a maneira como a humanidade irá se relacionar como o meio.

Embora sua obra tenha sido produzida fundamentalmente entre o terceiro e último quartel do século XIX e primeira década do século XX, seus temas são extremamente atuais, tanto no que toca ao vegetarianismo quanto em outros aspectos como, relação humanidade/meio ecológico. Questões que novamente tem retomado o cenário das discussões nas diversas áreas do conhecimento; “retomado” aqui, deve ser entendido no sentido de voltarem com força, desde a década de 60 do século XX até os debates éticos e ambientais sobre os direitos dos animais do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Aroldo. **A geografia francesa e a geração dos anos setenta**. São Paulo: AGB, 1976 (Boletim Paulista de Geografia, 50).
- BRÜGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental?** Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- CLARK, John P. E MARTIN, Camille. **Anarchy, geography, modernity: the radical social thought of Elisée Reclus**. Oxford: Lexington, 2004.
- CLARK, Stephen. **Animals and their moral standing**. New York: Routledge, 1997.
- COETZEE, J. M. **A vida dos Animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DIAS, Edna Cardozo. **O liberticídio dos animais**. Contagem: Editora Littera Maciel, 1997.
- _____. **S.O.S. Animal**. Contagem: Editora Littera Maciel, 199-?.
- DONIGER, Wendy. Compaixão pelos animais e vegetarianismo. In: COETZEE, J. M. **A vida dos Animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DUARTE, Regina Horta. **Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Elisée Reclus**. São Paulo, 2006 (Revista Brasileira de História, 51).
- FERNANDES, Florestan (Coord.) e ANDRADE, Manuel Correia de (Org.) **Elisée Reclus: Geografia**. São Paulo: Ática, 1985 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 49)

- LOVELOCK, James. **Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra**. Castelo Branco: Edições 70.
- MENDOZA, Josefina. Gómez, JIMÉNEZ, Julio Muñoz y CANTERO, Nicolás Ortega. **El pensamiento geográfico**. Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- MIDGLEY, Mary. **Animals and why they matter**. Athens: The University of Georgia Press, 1983.
- RÉCLUS, Elisée. El hombre y la Tierra. In: MENDOZA, Josefina. Gómez, JIMÉNEZ, Julio Muñoz y CANTERO, Nicolás Ortega. **El pensamiento geográfico**. Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- _____. **O homem e a Terra: Educação**. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.
- _____. **Anarquia pela educação**. São Paulo: Hedra, 2011.
- _____. **On Vegetarianism**. In: CLARK, John P. E MARTIN, Camille. **Anarchy, geography, modernity: the radical social thought of Elisée Reclus**. Oxford: Lexington, 2004.
- _____. **The feeling of nature in modern society**. In: CLARK, John P. E MARTIN, Camille. **Anarchy, geography, modernity: the radical social thought of Elisée Reclus**. Oxford: Lexington, 2004.
- _____. Evolution, Revolution and the Anarchist Ideal. In: CLARK, John P. E MARTIN, Camille. **Anarchy, geography, modernity: the radical social thought of Elisée Reclus**. Oxford: Lexington, 2004.
- SINGER, Peter. **Libertação Animal**. Porto Alegre: Lugano, 2004.
- STORIA Illustrata. **Anarchia utopia, rivolte e attentati da Bakunin ad oggi**. Milano: Arnoldo Mondadori Editore: N° 191 – Ottobre 1973. Numero Speciale.
- REVISTA PUC VIVA. **140 anos: Comuna de Paris**. São Paulo, n. 40, jan/abr. 2011.